

INTERIOR

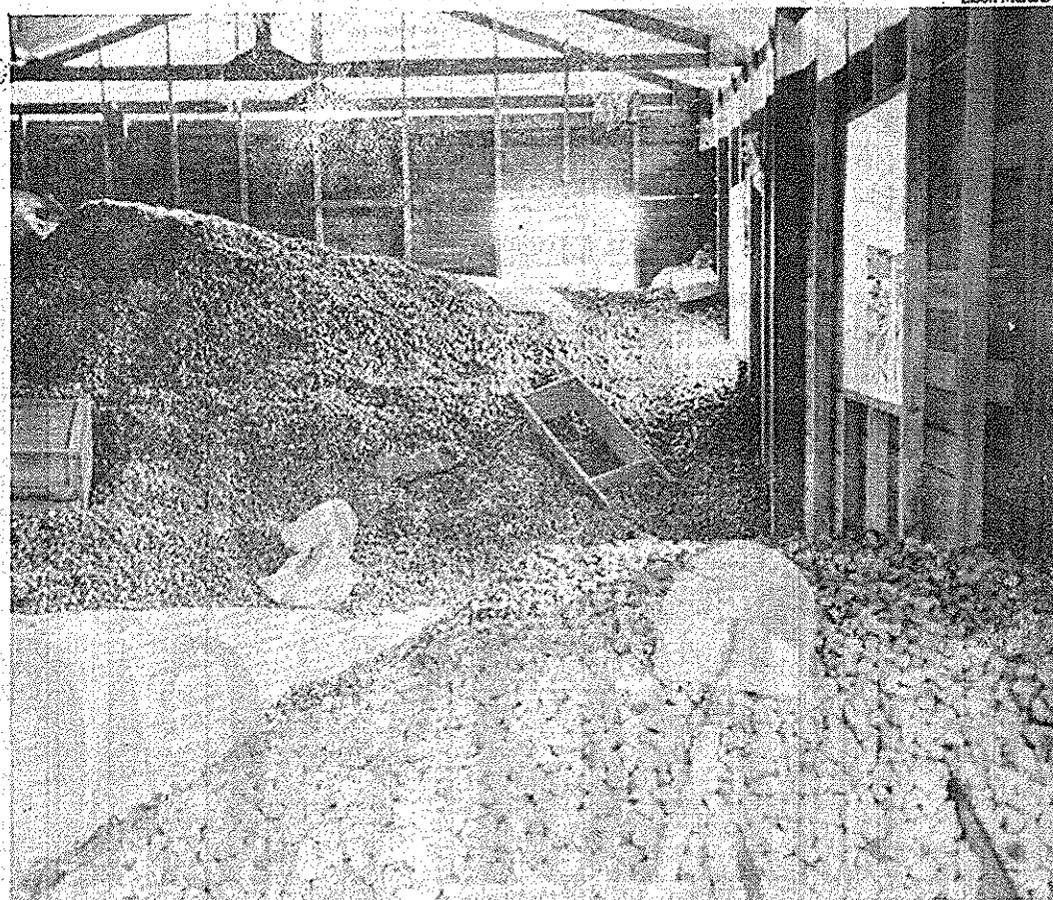
# Desenvolvimento sustentável no Jari

Elson Martins

Em março de 94 o governador João Alberto Capiberibe, ainda candidato, empreendeu uma viagem de 13 dias ao rio Jari e seus afluentes, chegando até à comunidade do Iratapuru. Conversando com os castanheiros Braz, Arraia e Capeta, ele percebeu que havia uma enorme riqueza - a castanha do Brasil - escapando rio abaixo pelas mãos dos atravessadores, deixando para trás os trabalhadores com a pobreza crescente. As informações que obteve acabou dando conteúdo ao seu programa de governo.

Os castanheiros reivindicavam pequenas coisas para melhorar a vida na região. Um trator para puxar castanha de dentro da mata, pequeno financiamento para compra da safra pela cooperativa e garantia de mercado.

Na sexta-feira, 11, o governador voltou ao local para encontrar-se com os mesmos personagens da viagem anterior e atuais dirigentes da Comaru - Cooperativa Mista dos Trabalhadores Extrativistas do Iratapuru. Com a ajuda do governo, eles construíram nos últimos seis meses galpões onde secam e descascam a castanha que é vendida para a merenda escolar. Alguns extrativistas continuam arredios, sujeitando-se à secular exploração dos atravessadores (que ganham no preço



Depósito de castanhas na cooperativa de Iratapuru

aviltado e na pesagem), mas a maioria já prefere a cooperativa. Além de receberem preço justo pela castanha, podem ganhar mais empregando a família no descascamento.

O governador desafiou os

castanheiros a irem mais longe agregando mais valor ao produto. Sugeriu que extraíssem o óleo da castanha e de outras espécies nativas como o buriti, a copaiba, a andiroba e o apracaxi, e que se organizassem para que na entressafra da castanha

(julho a dezembro), voltassem a extrair o leite da seringueira para a produção do couro vegetal, novidade dos seringueiros acreanos que está encantando os consumidores do primeiro mundo.

A safra de castanha do Jari em 1995 - previsão de 37.500 hectolitros - em grande parte passou para o controle da Comaru e da Comaja, outra cooperativa com sede em Laranjal do Jari e ainda da Associação dos Extrativistas do rio Cajari. Todas estas organizações se preparam para aprender tecnologias que agreguem valor à sua produção e já se preocupam com expansão de mercado. Para a castanha, pelo menos, começam os entendimentos com os governos de Brasília, Minas e Paraná para introdução do produto na merenda escolar desses estados.

Enquanto isso, os castanheiros amapaenses vão ter que apressar outras providências, como a embalagem à vácuo, que vai garantir qualidade ao produto. Segundo os dirigentes da Comaru, todas as cooperativas do Jari estão adquirindo o equipamento e até enviaram observadores a Xapuri, no Acre, para aprender novas regras do mercado para os produtos da floresta.